



INSTITUTO
SUPERIOR
DE CONTABILIDADE
E ADMINISTRAÇÃO
DO PORTO

“O Coração das Trevas”, de Joseph Conrad

Aspectos Interculturais

Maria Inês Félix Ribeiro

Janeiro de 2014

Estudos Interculturais

Docente: Doutora Clara Sarmento
Licenciatura em Assessoria e Tradução
Turma R31D



Índice

Introdução.....	1
Joseph Conrad.....	2
Biografia	2
Na escrita de “O Coração das Trevas”	5
Contextualização temporal e geográfica: A civilização – O imperialismo europeu e a presença em África nos séculos XIX e XX	6
“O Coração das Trevas”	11
A viagem de Marlow ao coração das trevas: percepções do Congo e dos seus nativos.....	11
Kurtz: Uma tradução intercultural	16
A representação feminina e o discurso.....	20
Conclusão	21
Bibliografia.....	22



Introdução

Este trabalho foi realizado no âmbito da unidade curricular de Estudos Interculturais, leccionada pela Doutora Clara Sarmiento, durante o ano lectivo de 2013/2014. Foi requisitada a elaboração de um trabalho escrito cujo objecto fosse o estudo de uma obra (literária, televisiva, cinematográfica) ou de um tema, de escolha livre.

Deste modo, o principal objectivo do presente trabalho é a apresentação de uma análise do livro “O Coração das Trevas” (“*Heart of Darkness*”) do autor de nacionalidade britânica Joseph Conrad, originalmente publicada em três partes, no ano de 1899, na revista inglesa *Blackwood’s Magazine*.

Serão principalmente abordadas as questões interculturais evidentes na obra, que é frequentemente criticada por apresentar ideias de natureza racista e colonialista que estariam fortemente presentes na era do imperialismo europeu. Conrad é potencialmente compreendido pelos leitores de forma ambígua, não sendo inicialmente inteligível se teria escrito a sua obra através do ponto de vista de um mero indivíduo da sua época (de ideais colonialistas, de acordo com a sociedade em que se insere) ou se esta é, de facto, satírica, servindo como profunda crítica do imperialismo colonial europeu e da forma como este abordava as colónias e tentava impor nestas a sua civilização.

Por este motivo, “O Coração das Trevas”, na sua natureza multifacetada, que se estende para além das relações entre colonos e nativos, manifesta-se como uma profunda reflexão acerca do contraste entre o selvagem e a civilização, assim como tudo aquilo que é desconhecido – as “trevas” – e a própria natureza do ser humano e da humanidade.

Joseph Conrad

Biografia

Joseph Conrad nasceu Józef Teodor Konrad Korzeniowski, a 3 de Dezembro de 1857 em Berdichev¹, filho de Apollo Korzeniowski – “*an aristocrat without lands*”², tradutor, poeta e revolucionário – e de Ewa Bobrowska. Três anos após o nascimento de Conrad, o seu pai foi detido devido às suas tendências políticas nacionalistas, sendo considerado um activista e inimigo do Império Russo e, por esse motivo, permaneceu encarcerado durante seis meses. Em 1861, Apollo e a sua família foram exilados para a cidade de Vologda, no norte da Rússia, mas dois anos mais tarde foi-lhes permitido ir viver para Kiev. Devido à profissão do pai, Conrad teve grande contacto, enquanto criança, com literatura, tendo uma particular admiração por “*Les Travailleurs de la Mer*” (“Os Trabalhadores do Mar”) de Victor Hugo. Com 11 anos de idade, Conrad já teria perdido os pais para a tuberculose e foi viver com o seu tio conservador e tradicionalista Tadeusz Bobrowski, irmão de Ewa, que tomou conta do sobrinho durante os seguintes 25 anos.



I. Mosteiro das Carmelitas na cidade de Berdichev, Ucrânia

¹ Berdichev: Cidade histórica situada na Ucrânia, numa região anteriormente pertencente à Polónia, sob domínio do Império Russo. A região seria principalmente habitada por famílias de origem judaica, o que levou à presunção de que Conrad fosse judeu, ideia que ele negou numa carta direccionada ao editor Frank Harris: “*Had I been an Israelite I would never have denied being a member of a race occupying such a unique place in the religious history of mankind.*” - Zdzislaw Najder, “*Joseph Conrad: A Life*”, p. 503

² Rob Breton, “*Gospels and Grit: Work and Labour in Carlyle, Conrad and Orwell*”, p. 9



Aos 17 anos, convenceu o tio a permiti-lo viajar para procurar trabalho marítimo e, em 1874, foi em Marselha que o encontrou em vários navios franceses, onde permaneceu durante quatro anos. Em 1878, juntou-se à marinha mercante britânica e um navio inglês levou-o a Londres pela primeira vez na sua vida.

Foi apenas aos 21 anos de idade que Conrad aprendeu a língua inglesa – a sua terceira. Acerca da sua relação com as línguas e a sua proveniência, o investigador polaco Zdzislaw Najder comenta:

“(...) and, at the same time, he was a man of three cultures: Polish, French, and English. Brought up in a Polish family and cultural environment (although Poland as a state did not exist at that time), he learned French as a child, and at the age of less than seventeen went to France, to serve for four years in the French merchant marine. At school he must have learned German, but French remained the language he spoke with greatest fluency (and no foreign accent) until the end of his life. He was well versed in French history and literature, and French novelists were his artistic models. But he wrote all his books in English – the tongue he started to learn at the age of twenty. He was thus an English writer who grew up in other linguistic and cultural environments. His work can be seen as located in the borderland of auto-translation. Conrad’s biographer has to step in as an exegete of his texts: to explain certain cultural and intellectual categories to the English-speaking reader who, while understanding the language, is not always able to grasp the implicit meanings.”– Zdzislaw Najder, prefácio de “Joseph Conrad: A Life”, p. 9



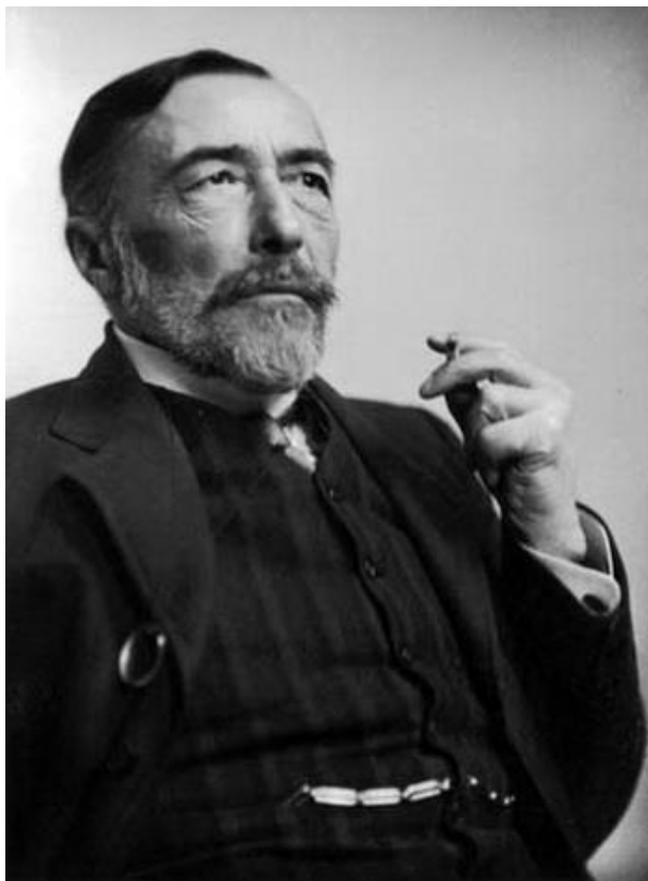
II. Retrato do jovem Józef Konrad Korzeniowski



Permanecendo ao serviço da marinha britânica, em 1886 obteve nacionalidade inglesa, apesar de continuar à mercê do Imperador Alexandre III da Rússia até 1889, quando finalmente Conrad, *“the son of a Polish man of letters, captain of the British merchant marine”*³, foi libertado da subjugação russa. Adquiriu o seu certificado de *Master Mariner*⁴ e, conseqüentemente, percorreu as águas marítimas durante oito anos, até as abandonar para se poder dedicar inteiramente à escrita. O seu primeiro livro, *“Almayer’s Folly”*, foi publicado em 1895. No ano seguinte casou-se com Jessie George e assentou em Kent, onde escreveu títulos tais como *“Youth”*, *“Lord Jim”*, *“Heart of Darkness”* (*“O Coração das Trevas”*), *“Typhoon”*, *“The Secret Agent”* e *“Under Western Eyes”*. Joseph Conrad escreveu até à sua morte, em 1924.

Sobre a sua escrita e as suas obras literárias, Conrad afirma:

“My task which I am trying to achieve is, by the power of the written word, to make you hear, to make you feel – it is, above all, to make you see. That –and no more, and it is everything.” –Joseph Conrad, prefácio de *“The Nigger of the ‘Narcissus’: A Tale of the Sea”* (1897)



III. Retrato de Joseph Conrad, ca. 1916

³ZdzislawNajder, *“Joseph Conrad: A Life”*, p. 132

⁴ZdzislawNajder, *“Joseph Conrad: A Life”*, pp. 111 – 112



Na escrita de “O Coração das Trevas”

Aos 36 anos de idade, Joseph Conrad abandonou a vida marítima, em parte devido a problemas de saúde, mas principalmente com o propósito de se dedicar por completo à escrita. Isto após uma carreira de quase vinte anos em navios franceses (com base em Marselha, até 1878) e em navios britânicos (desde o barco a vapor *Mavis*; até à sua carreira na *British Merchant Marine*, que só terminou em 1894; até ao seu último navio *Adowa*). O autor tenta explicar o seu desejo de navegar o mar na obra “*A Personal Record*”:

“(...) Why should I, the son of a land which such men as these have turned up with their ploughshares and bedewed with their blood, undertake the pursuit of fantastic meals of salt junk and hard tack upon the wide seas?” – Joseph Conrad, “A Personal Record”(1912), p. 62

É sabido que a possível origem das duas paixões de Conrad – a navegação marítima e a escrita – tenha surgido aquando da leitura da obra de Victor Hugo “*Les Travailleurs de la Mer*”, que, ainda em “*A Personal Record*”, o autor descreve como “*my first introduction to the sea in literature*” (p. 72). Joseph Conrad, em “*Tales of the Sea*”, indica também as histórias de James Fenimore Cooper e do Capitão Frederick Marryat como inspiradoras. No entanto, em “*A Personal Record*”, o autor refere ainda o seguinte:

“It was in 1868, when nine years old or thereabouts, that while looking at a map of Africa of the time and putting my finger on the blank space then representing the unsolved mystery of that continent, I said to myself with absolute assurance and an amazing audacity which are no longer in my character now: «When I grow up, I shall go there.» And of course I thought no more about it till after a quarter century or so an opportunity offered to go there – as if the sin of childish audacity were to be visited on my mature head. Yes. I did go there: there being the region of Stanley Falls, which in '68 was the blankest of blank spaces on the earth's figured surface.” – Joseph Conrad, “A Personal Record”, p. 13

Qualquer leitor de “O Coração das Trevas” poderá facilmente relacionar esta citação de Conrad com uma passagem do livro, na qual Marlow, personagem principal, descreve uma memória muito semelhante. De facto, as obras de Conrad apresentam, em conjunto, vários aspectos autobiográficos, tendo como principal inspiração todos os anos que o autor terá passado em viagens (tendo passado, também, pelo continente africano). No entanto, Joseph Conrad insinua que a curiosidade presente na sua infância e juventude terá sido substituída por outro sentimento – o de conhecimento do local ou mesmo do próprio. “O Coração das Trevas” é um exemplo desta narração de carácter pessoal, em que o autor expressa os seus sentimentos íntimos através da escrita; mesmo que, por vezes, o faça de uma forma mascarada.

Contextualização temporal e geográfica: A civilização – O imperialismo europeu e a presença em África nos séculos XIX e XX



IV. Mapa da região do Congo

“O Coração das Trevas” passa-se no Congo durante o final do século XIX, altura em que se encontrava sob ocupação europeia.

A descoberta do Congo começou com a exploração de Sir Henry Morton Stanley em 1874, cuja missão era desvendar um dos maiores mistérios do continente africano: traçar o percurso do rio Congo até ao mar. A sua viagem épica durou quase mil dias, ao fim dos quais, em Agosto de 1877, Stanley chegou à foz do rio Congo no oceano Atlântico.

Depois da sua expedição, Stanley, extremamente interessado na possibilidade comercial que África apresentava, foi abordado pelo rei Leopoldo II da Bélgica que lhe falou das suas intenções de levar a civilização e a religião ocidentais àquela região. Esta noção, demonstrada por Matthew Arnold em *“Culture and Anarchy”*, e, notavelmente, por Rudyard Kipling no seu poema *“The White Man’s Burden”* (“O Fardo do Homem Branco”), é o pensamento imperialista que se baseia na noção de que o homem ocidental tem a responsabilidade moral de levar a civilização – o seu modo de vida superior – aos selvagens não-europeus. Stanley mostrou-se entusiasmado; no entanto, não fora informado das intenções do rei Leopoldo de tomar posse das terras africanas que tanto desejava civilizar. Mascarando o seu verdadeiro desígnio para a região sob trabalho de cariz filantrópico e humanitário, o rei belga conseguiu explorar e declarar como sua propriedade grande parte da Bacia do Congo. Em 1885, estabeleceu um estado, em teoria, independente da Bélgica, mas, na prática,



comandado pelo mesmo governo, que recebeu o nome de “Estado Livre do Congo”; e o massacre que se seguiria era inimaginável.

“At the time the professions of the King made the whole world his enthusiastic allies. The United States was the first to hasten to give formal recognition to the new State. May it be the first, also, to realize the truth and to take public steps to retract what it has done. The churches and the Chambers of Commerce of Great Britain were all for Leopold, the one attracted by the prospect of pushing their missions into the heart of Africa, the others delighted at the offer of an open market for their produce. At the Congress of Berlin, which was called to regulate the situation, the nations vied with each other in furthering the plans of the King of the Belgians and in extolling his high aims. The Congo Free State was created amid general rejoicings. The veteran Bismarck, as credulous as the others, pronounced its baptismal blessing. "The New Congo State is called upon," said he, "to become one of the chief promoters of the work" (of civilization) "which we have in view, and I pray for its prosperous development and for the fulfillment of the noble aspirations of its illustrious founder." Such was the birth of the Congo Free State. Had the nations gathered round been able to perceive its future, the betrayal of religion and civilization of which it would be guilty, the immense series of crimes which it would perpetrate throughout Central Africa, the lowering of the prestige of all the white races, they would surely have strangled the monster in its cradle.” – Arthur Conan Doyle, “The Crime of the Congo”, p. 7



V. Retrato do rei Leopoldo II da Bélgica



Apesar de obter o apoio das restantes nações com base de proporcionar uma oportunidade aberta para o comércio e para a propagação da civilização ocidental, o rei Leopoldo demonstrou ser um autocrata capaz de monopolizar inteiramente a região (entre o governo belga e as suas empresas lá colocadas, que praticamente estabeleceram entre si um cartel) e até de estabelecer leis secretas, completamente desconhecidas na Europa, para servir os seus interesses. Simultaneamente à ocupação dos belgas que entraram pelo ocidente do Congo, grupos árabes de mercadores de escravos penetraram a região pelo lado oposto; seguindo-se uma sangrenta batalha entre os escravizadores do oriente e as forças nativas, alegadamente selvagens e canibais, mas equipadas com as armas mais avançadas da época. Em 1894 estas forças árabes já teriam sido eliminadas e os belgas aproveitaram a ocasião para afirmar, na Europa, que teriam salvo os nativos do Congo da escravatura. Em 1887, o Estado decretou que todas as terras que não estivessem a ser ocupadas por nativos passariam a pertencer a este. Este acto resultou na apropriação do governo belga de todos os terrenos que continham os bens que os congueses comercializavam para sobreviver. Isto originou uma completa escravização da população que, agora sem forma de subsistir, se sujeitou a trabalhar nas terras do Estado por uma remuneração miserável. Como se não fosse suficiente, os nativos ainda eram sujeitos a serem obrigatoriamente inscritos pelos seus chefes em exércitos, os quais eram completados por milícias compostas de tribos bárbaras, canibais, extremamente violentas. Quanto mais escravos os chefes inscrevessem, mais recompensados eram; aqueles que não oferecessem nenhum dos seus trabalhadores, no entanto, assistiam ao massacre total destes e das suas vilas até cederem.

“Before their eyes, (...) they have had enacted one long horrible tragedy, vouched for by priests and missionaries, traders, travellers and consuls, all corroborated by a Belgian commission of inquiry. They have seen these unhappy people, who were their wards, robbed of all they possessed, debauched, degraded, mutilated, tortured, murdered, all on such a scale as has never, to my knowledge, occurred before in the whole course of history, and now, after all these years, with the facts notorious, we are still at the stage of polite diplomatic expostulations.” – Arthur Conan Doyle, “The Crime of the Congo”, p. 8

A partir de 1890, toda a região à volta do rio Congo mostrava sinais da ocupação europeia: nativos a trabalhar em linhas-férreas (controlados por guardas), cidades com estações e edifícios a erguer-se, estações e postos colocados à beira do rio, expedições dedicadas à exploração do território, outras a combater invasores e rebeldes. As transacções comerciais eram atentamente vigiadas e controladas e só podiam realizar-se quando favorecessem o Estado; nenhum nativo poderia alguma vez obter lucro ganho através do comércio de qualquer recurso – os nativos trabalhavam apenas para o proveito dos seus patrões europeus (muitos preferindo a morte ao trabalho forçado e às condições desumanas a que eram submetidos).



Os principais tesouros do Congo eram as planícies e florestas que continham borracha natural, peles, marfim, sândalo africano e copal, entre outros recursos, que eram objectos de comércio. No entanto, a produção de borracha era a mais controversa: caso as quotas de recolha de borracha não fossem cumpridas, aplicavam-se penas de morte. Como prova do assassinato dos nativos, eram enviadas as mãos cortadas destes, que eram normalmente entregues à *Force Publique* (a força militar civil). Apesar disto, por vezes, as mãos eram colecionadas pelas próprias aldeias. Isto resultava, conseqüentemente, em ataques a aldeias vizinhas para roubar as suas mãos mutiladas de forma a conseguir cumprir com as quotas.

“The baskets of severed hands, set down at the feet of the European post commanders, became the symbol of the Congo Free State... The collection of hands became an end in itself. Force Publique soldiers brought them to the stations in place of rubber; they even went out to harvest them instead of rubber... They became a sort of currency. They came to be used to make up for shortfalls in rubber quotas, to replace... the people who were demanded for the forced labour gangs; and the Force Publique soldiers were paid their bonuses on the basis of how many hands they collected.” – Peter Forbath, *The River Congo: The Discovery, Exploration and Exploitation of the World’s Most Dramatic River*



VI. Missionários britânicos e soldados nativos a exhibir as mãos que recolheram de duas vítimas congolezas, 1904



O que se passava, no entanto, é que estas mãos frequentemente eram retiradas aos nativos enquanto ainda eram vivos. Os congolesees eram mutilados e deixados para sobreviver ou morrer, conforme o destino permitisse. Esta prática espalhou-se por toda a região à medida que os soldados eram informados que, quantas mais mãos conseguissem recolher, menos tempo nas forças militares teriam de cumprir.

"Finally, a little before his death, he heard of that practice of mutilation which was one of the most marked fruits of the policy of "moral and material advantage of the native races" promised at the Berlin Conference: "Mr. Harvey heard from Clark, who is at Lake Mantumba, that the State soldiers have been in the vicinity of his station recently, fighting and taking prisoners; and he himself had seen several men with bunches of hands signifying their individual skill. These, I presume, they must produce to prove their success! Among the hands were those of men and women, and also those of little children. The missionaries are so much at the mercy of the State that they do not report these barbaric happenings to the people at home. I have previously heard of hands, among them children's, being brought to the stations, but I was not so satisfied of the truth of the former information as of the reports received just now by Mr. Harvey from Clark. Much of this sort of thing is going on at the Equateur Station. The methods employed are not necessary. Years ago, when I was on duty at the Equateur without soldiers, I never had any difficulty in getting what men I needed, nor did any other station in the old, humane days. The stations and the boats then had no difficulty in finding men or labour, nor will the Belgians, if they introduce more reasonable methods." – Arthur Conan Doyle, "The Crime of the Congo", pp. 22-23

Este massacre imposto nos nativos do Congo pelos europeus, em conjunto com as doenças associadas à época (como a doença do sono, transportada pela mosca tsé-tsé) e a fome, causaram uma considerável redução da população. Apesar da impossibilidade de saber com certeza os números exactos, estimam-se entre 5 e 10 milhões de mortes de nativos desde o estabelecimento do Estado Livre do Congo até ao seu fim – a anexação do Congo belga em 1908.



“O Coração das Trevas”

A viagem de Marlow ao coração das trevas: percepções do Congo e dos seus nativos

“O Coração das Trevas” segue a personagem Charles Marlow que, a bordo do *Nellie*, embarcação temporariamente ancorada no rio Tamisa, em Inglaterra, conta aos restantes marinheiros um episódio da sua vida. Nesta narrativa, Marlow reconta o seu passado no Congo enquanto capitão de um barco a vapor, a cargo de uma empresa de comércio de marfim (referida como “A Empresa”). Aí é encarregado de navegar até à estação de Kurtz, um agente da Empresa que se encontra doente e cuja estação está em perigo.

A obra começa pela descrição de alguns acontecimentos prévios à partida de Marlow. Este explica que um dos agentes da Empresa, um dinamarquês chamado Fresleven, terá morrido num conflito com os nativos; isto terá dado abertura a um cargo de capitão, que foi ocupado por Marlow. Fresleven é a primeira de várias personagens do livro que indicam a transformação que ocorre aos indivíduos que permanecem no Congo; é descrito como *“the gentlest, quietest creature that ever walked on two legs”*, mas Marlow justifica de seguida o seu comportamento aparentemente singular: *“but he had been a couple of years already out there engaged in the noble cause, you know, and he probably felt the need at last of asserting his self-respect in some way.”*⁵ Na visita à sede da Empresa, Marlow depara-se com duas funcionárias às quais se refere como *“guarding the door of Darkness”*⁶. Antes de partir para o Congo é consultado por um médico que lhe pede para medir o seu crânio, como faz a todos os agentes antes de partirem. Marlow concorda, mas pergunta *“And when they come back too?”* ao que o médico responde *“Oh, I never see them, and, moreover, the changes take place inside, you know.”*⁷ Marlow despede-se da tia, ocasião na qual informa que o seu cargo no Congo implica ainda ser *“one of the Workers, with a capital – you know. Something like an emissary of light, something like a lower sort of apostle.”*⁸

Marlow parte num navio a vapor e descreve o ambiente à sua volta: *“(…) where the merry dance of death and trade goes on in a still and earthy atmosphere as of an overheated catacomb”*⁹. Aproximadamente um mês depois de partir, chega ao rio Congo, onde se dirige a uma estação da Empresa. Lá conhece um indivíduo sueco que lhe conta do suicídio de um colega seu, também sueco. Marlow pergunta-lhe qual a razão de tal acontecimento, ao que o sueco responde que talvez o país terá sido “demasiado” para o seu colega. Por esta altura Marlow vê um grupo de trabalhadores

⁵ Joseph Conrad, *“Heart of Darkness & Other Stories”* (Wordsworth Classics, 1995), pp. 36-37

⁶ Joseph Conrad, *“Heart of Darkness & Other Stories”* (Wordsworth Classics, 1995), p. 38

⁷ Joseph Conrad, *“Heart of Darkness & Other Stories”* (Wordsworth Classics, 1995), p. 39

⁸ Joseph Conrad, *“Heart of Darkness & Other Stories”* (Wordsworth Classics, 1995), p. 40

⁹ Joseph Conrad, *“Heart of Darkness & Other Stories”* (Wordsworth Classics, 1995), p. 42



nativos acompanhados por um guarda, os quais descreve como possuidores de “*that complete, deathlike indifference of unhappy savages.*”¹⁰ Descendo até um caminho de água, avista várias sombras debaixo de árvores, que afirma serem nativos trabalhadores que se retiraram para aquele meio para morrer lentamente. Descreve a cena, que mostra:

“Black shapes crouched, lay, sat between the trees, leaning against the trunks, clinging to the earth, half coming out, half effaced within the dim light, in all the attitudes of pain, abandonment, and despair. Another mine on the cliff went off, followed by a slight shudder of the soil under my feet. The work was going on. The work! And this was the place where some of the helpers had withdrawn to die.

They were dying slowly – it was very clear. They were not enemies, they were not criminals, they were nothing earthly now, – nothing but black shadows of disease and starvation, lying confusedly in the greenish gloom. Brought from all the recesses of the coast in all the legality of time contracts, lost in uncongenial surroundings, fed on unfamiliar food, they sickened, became inefficient, and were then allowed to crawl away and rest. These moribund shapes were free as air – and nearly as thin. I began to distinguish the gleam of the eyes under the trees. Then, glancing down, I saw a face near my hand. The black bones reclined at full length with one shoulder against the tree, and slowly the eyelids rose and the sunken eyes looked up at me, enormous and vacant, a kind of blind, white flicker in the depths of the orbs, which died out slowly. The man seemed young – almost a boy – but you know with them it's hard to tell. I found nothing else to do but to offer him one of my good Swede's ship's biscuits I had in my pocket. The fingers closed slowly on it and held – there was no other movement and no other glance. He had tied a bit of white worsted round his neck – Why? Where did he get it? Was it a badge – an ornament – a charm – a propitiatory act? Was there any idea at all connected with it? It looked startling round his black neck, this bit of white thread from beyond the seas. Near the same tree two more bundles of acute angles sat with their legs drawn up. One, with his chin propped on his knees, stared at nothing, in an intolerable and appalling manner: his brother phantom rested its forehead, as if overcome with a great weariness; and all about others were scattered in every pose of contorted collapse, as in some picture of a massacre or a pestilence. While I stood horror-struck, one of these creatures rose to his hands and knees, and went off on all-fours towards the river to drink. He lapped out of his hand, then sat up in the sunlight, crossing his shins in front of him, and after a time let his woolly head fall on his breastbone.” – Joseph Conrad, “Heart of Darkness & Other Stories” (Wordsworth Classics, 1995), pp. 44-45

Por esta descrição é possível compreender que Joseph Conrad, que acaba por expressar muitas das suas opiniões e dos seus sentimentos íntimos através da personagem de Marlow, sente empatia pelos nativos e não os vê como objectos sem

¹⁰Joseph Conrad, “Heart of Darkness & Other Stories” (Wordsworth Classics, 1995), p. 43



vida nem como propriedade material, sendo claramente afectado pela visão horrenda dos congoleses moribundos. Esta visão choca com a opinião de muitos dos colonos ocidentais da época, que não consideravam os nativos homens semelhantes aos europeus e, por esse motivo, não tinham quaisquer problemas em tratá-los de forma deplorável.

De seguida, numa visita a outra estação, Marlow conhece o contabilista da Empresa, que admira profundamente pelo seu aspecto e forma de vestir impecável. Tendo em consideração que o contabilista se encontra no Congo há cerca de três anos, Marlow diz que o seu aspecto é sinal do seu forte carácter. Este funcionário da Empresa é quem menciona pela primeira vez o nome de Kurtz, descrevendo-o como um “agente de primeira classe” e “uma pessoa extraordinária”, que envia tanto marfim para a Empresa quanto as outras estações todas juntas. Marlow segue numa caminhada, durante a qual descreve muitas vilas abandonadas (devido à presença das milícias armadas de nativos). Conhece outro agente europeu, doente, que o informa que a razão da sua presença no Congo é o dinheiro resultante. Chegando à Estação Central da Empresa, Marlow é informado que o seu barco a vapor se encontra no fundo do rio – o que atrasou a sua viagem alguns meses, durante os quais fica a trabalhar na estação central da Empresa. Marlow tem uma entrevista com o gerente, onde é informado acerca do estado de saúde de Kurtz e da sua estação no interior, que agora se encontrava em perigo. Neste local é-lhe dito que Kurtz é “um homem excepcional”, “um prodígio”, *“an emissary of pity, and science, and progress, and devil knows what else. We want, for the guidance of the cause intrusted to us by Europe, so to speak, higher intelligence, wide sympathies, a singleness of purpose.”*¹¹

Começa a viagem pelo rio de Marlow e sua tripulação (entre a qual o gerente, três ou quatro peregrinos e um grupo de cerca de vinte nativos canibais) até à estação de Kurtz. Marlow faz uma descrição do ambiente que o rodeia, referindo frequentemente que penetram cada vez mais no silencioso coração das trevas. Dá a entender a solidão com que se deparam e uma certa desconexão com a realidade (que por vezes é quebrada quando, por exemplo, avistam outro navio ou chegam a outra estação, onde os colonos os cumprimentam e recebem alegremente). Confirmando a visão humanizada que Marlow possui acerca dos nativos, quando avista a costa do rio e os congoleses que se encontram nesta, afirma:

“The earth seemed unearthly. We are accustomed to look upon the shackled form of a conquered monster, but there – there you could look at a thing monstrous and free. It was unearthly, and the men were – No, they were not inhuman. Well, you know, that was the worst of it – this suspicion of their not being inhuman. It would come slowly to one. They howled, and leaped, and spun, and made horrid faces; but what thrilled you was just the thought of their humanity – like yours – the thought of your remote

¹¹Joseph Conrad, *“Heart of Darkness & Other Stories”* (Wordsworth Classics, 1995), p. 53



kinship with this wild and passionate uproar. Ugly. Yes, it was ugly enough; but if you were man enough you would admit to yourself that there was in you just the faintest trace of a response to the terrible frankness of that noise, a dim suspicion of there being a meaning in it which you – you so remote from the night of first ages – could comprehend. And why not? The mind of man is capable of anything – because everything is in it, all the past as well as all the future. What was there after all? Joy, fear, sorrow, devotion, valor, rage – who can tell? – but truth – truth stripped of its cloak of time. Let the fool gape and shudder – the man knows, and can look on without a wink. But he must at least be as much of a man as these on the shore. He must meet that truth with his own true stuff – with his own inborn strength. Principles? Principles won't do. Acquisitions, clothes, pretty rags – rags that would fly off at the first good shake. No; you want a deliberate belief. An appeal to me in this fiendish row – is there? Very well; I hear; I admit, but I have a voice too, and for good or evil mine is the speech that cannot be silenced.” – Joseph Conrad, “Heart of Darkness & Other Stories” (Wordsworth Classics, 1995), pp. 63-64

Marlow possui uma vasta capacidade de compreensão, não só dos nativos que vê de longe na costa nem dos trabalhadores que vira antes, mas também em relação ao grupo de canibais que se encontra no barco consigo. Quando o líder destes se dirige a Marlow colocando a possibilidade de aproveitar um cadáver para comer, em vez de ficar horrorizado, Marlow admite que há já um mês que eles deveriam encontrar-se esfomeados. Isto revela uma adaptação das suas estruturas de pensamento: no contexto ocidental, a noção do canibalismo é absolutamente abominável (talvez por nunca ter havido essa necessidade), mas no Congo é uma prática comum – e Marlow aparenta ter esta ideia em conta. De seguida, questiona-se:

“Why in the name of all the gnawing devils of hunger they didn't go for us – they were thirty to five – and have a good tuck in for once, amazes me now when I think of it. They were big powerful men, with not much capacity to weigh the consequences, with courage, with strength, even yet, though their skins were no longer glossy and their muscles no longer hard. And I saw that something restraining, one of those human secrets that baffle probability, had come into play there. I looked at them with a swift quickening of interest – not because it occurred to me I might be eaten by them before very long, though I own to you that just then I perceived – in a new light, as it were – how unwholesome the pilgrims looked, and I hoped, yes, I positively hoped, that my aspect was not so – what shall I say? so – unappetizing: a touch of fantastic vanity which fitted well with the dream-sensation that pervaded all my days at that time. (...) Yes; I looked at them as you would on any human being, with a curiosity of their impulses, motives, capacities, weaknesses, when brought to the test of an inexorable physical necessity. Restraint! What possible restraint? Was it superstition, disgust, patience, fear – or some kind of primitive honor? No fear can stand up to hunger, no patience can wear it out, disgust simply does not exist where hunger is; and as to



superstition, beliefs, and what you may call principles, they are less than chaff in a breeze. Don't you know the devilry of lingering starvation, its exasperating torment, its black thoughts, its somber and brooding ferocity? Well, I do. It takes a man all his inborn strength to fight hunger properly. It's really easier to face bereavement, dishonor, and the perdition of one's soul – than this kind of prolonged hunger. Sad, but true. And these chaps too had no earthly reason for any kind of scruple. Restraint! I would just as soon have expected restraint from a hyena prowling amongst the corpses of a battlefield. But there was the fact facing me – the fact dazzling, to be seen, like the foam on the depths of the sea, like a ripple on an unfathomable enigma, a mystery greater – when I thought of it – than the curious, inexplicable note of desperate grief in this savage clamor that had swept by us on the river-bank, behind the blind whiteness of the fog.” – Joseph Conrad, “Heart of Darkness & Other Stories” (Wordsworth Classics, 1995), pp. 69-70

Nesta introspecção, Marlow revela novamente a sua percepção dos nativos como seres humanos que, apesar da sua suposta natureza selvagem, mostram capacidade de se conterem – de algum pensamento racional que os impede de atacar os seus companheiros de viagem apesar da sensação de fome que poderiam sentir.

Numa manhã de denso nevoeiro, a tripulação depara-se com um grito alarmante que soa pela floresta. A possibilidade de serem atacados é, a partir deste momento, mais aparente. Avançam um pouco pelo rio abaixo e, numa parte estreita, são atacados por nativos com flechas. Um membro da tripulação morre, atingido por uma lança. Simultaneamente, Marlow presume que, por esta altura, Kurtz também já esteja morto. Continuando a viagem, rapidamente avistam a estação de Kurtz.

Chegando à estação, avistam nativos escondidos na vegetação e Marlow conhece um homem russo, amigo de Kurtz, que o informa que o barco fora atacado pelos nativos pois tentavam impedir a partida de Kurtz. Marlow reage com surpresa, mas o russo rapidamente esclarece que os nativos sentem uma profunda adoração por Kurtz. Marlow vê várias cabeças de rebeldes empaladas em frente à estação. Um grupo de nativos traz Kurtz até Marlow, numa maca. Kurtz é colocado no navio. Marlow ouve-o a murmurar:

“Save me! – save the ivory, you mean. Don't tell me. Save ME! Why, I've had to save you. You are interrupting my plans now. Sick! Sick! Not so sick as you would like to believe. Never mind. I'll carry my ideas out yet – I will return. I'll show you what can be done. You with your little peddling notions – you are interfering with me. I will return. I...” – Joseph Conrad, “Heart of Darkness & Other Stories” (Wordsworth Classics, 1995), p. 89

O russo informa Marlow que fora, de facto, Kurtz a encomendar o ataque ao seu barco, e parte. Durante a noite, Kurtz tenta fugir. Marlow encontra-o e convence-o a voltar com ele. Partem no dia seguinte com rumo à estação central da Empresa. Kurtz



entrega a Marlow uns documentos e uma fotografia da sua noiva e morre; antes disso enunciando as suas últimas palavras: “O horror! O horror!”

Marlow volta à Europa, algum tempo depois. Entrega os documentos deixados por Kurtz, entre os quais um panfleto, e visita a noiva deste, que ainda se encontra de luto. Trocam algumas palavras acerca de Kurtz. A viúva, por último, pergunta a Marlow quais terão sido as últimas palavras do seu noivo. Marlow mente-lhe, dizendo-lhe que estas terão sido o nome dela.



Kurtz: Uma tradução intercultural

Kurtz é descrito ao longo da obra como um homem excepcional, um agente de primeira classe, uma mente fenomenal com uma incrível capacidade discursiva – é dito que possui ideias extraordinárias para a sua época em relação a assuntos como a vida e o amor, entre outros. Muitas destas descrições são esboçadas por agentes e por trabalhadores da Empresa que conheceram Kurtz antes da sua ida para o “coração das trevas”, no interior do rio Congo. Estes agentes consideram Kurtz o próximo gerente da Empresa, não apenas devido à sua enorme capacidade de recolher marfim (visto que a sua estação era a que contribuía com as maiores quantias de marfim para a Empresa) mas também devido ao seu carácter.

Mas Kurtz sofre uma transformação quando se encontra na estação, no interior do Congo. Marlow descreve-o da seguinte forma:

“The wilderness had patted him on the head,(...) he had withered; it had taken him, loved him, embraced him, got into his veins, consumed his flesh, and sealed his soul to its own by the inconceivable ceremonies of some devilish initiation.” – Joseph Conrad, “Heart of Darkness & Other Stories” (Wordsworth Classics, 1995), p. 76

Marlow afirma que Kurtz adoeceu, não apenas fisicamente, mas psicologicamente também. Kurtz é agora considerado por Marlow um selvagem, tendo adoptado práticas violentas, de brutalidade, como muitos outros agentes colocados na região. No entanto, Kurtz é admirado e idolatrado pelos nativos, apesar de ter comandado a sua estação agressivamente, sem misericórdia pelos seus inimigos. Isto é evidente pela visão de Marlow das cabeças empaladas em frente à sua estação.

De facto, Kurtz sofreu uma tradução intercultural – adaptou-se ao novo ambiente em que se encontrava. Se não o tivesse feito, possivelmente não teria tido a possibilidade de liderar tão eficazmente a sua estação nem teria conseguido reunir tanto marfim para a Empresa. Kurtz confrontou este novo obstáculo – o local em que se situava – e sofreu uma metamorfose que o permitiu contorná-lo. Deste modo, é respeitado pelos nativos, que sabem daquilo que é capaz, e continua a exercer o seu cargo na Empresa.

No entanto, Kurtz tinha admitido que não desejava voltar a casa, em Inglaterra. Isto pode dever-se ao facto de que, tendo-se modificado de forma tão drástica para se inserir no Congo, não se conseguir imaginar de volta à sociedade inglesa. Kurtz transformou-se completamente num nativo e não é mais capaz de viver no contexto “civilizado” de onde é proveniente. Correlacionando com a adaptação da obra – o filme *“Apocalypse Now”*, de Francis Ford Coppola, – é possível comparar este acontecimento com o que se passava frequentemente com os soldados da guerra do Vietname que, após combaterem no território asiático durante algum tempo, eram incapazes de voltar e de continuar as vidas que viviam antes da guerra. Muitos consideravam que tudo o que tinham presenciado no Vietname impedia-os de voltar



para o ocidente e viver normalmente, pois essa existência já não lhes fazia sentido. O debate interior sobre quem era o verdadeiro inimigo e quem seria o selvagem nesse contexto originou que muitos ficassem no continente asiático.

É possível julgar, pelas últimas palavras de Kurtz – “O horror! O horror!” – que se referia a tudo aquilo que tinha visto, vivido e presenciado no Congo. No entanto, levanta-se a questão de se os actos horrendos terão sido cometidos pelos nativos ou pelos próprios colonos, que invadiram a região, escravizaram os congoleses e aplicaram práticas brutais para os controlar. Em relação a este paradoxo do homem civilizado que se manifesta como o verdadeiro selvagem, podemos observar o seguinte verso bíblico:

“Ai de vós, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Sois como sepulcros caiados: por fora parecem bonitos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e podridão! Assim também vós: por fora, pareceis justos diante dos outros, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e injustiça.” – **Mateus 23**

Esta mudança súbita do homem civilizado deve-se, possivelmente, ao ambiente desconhecido e selvagem – às trevas. A civilização serve, neste caso, como um véu que, com as suas leis e normas, esconde a verdadeira natureza do Homem. Quando confrontado com verdadeiro medo do desconhecido, no entanto, esta natureza revela-se de uma forma maligna. Longe dos regulamentos, das leis e da construção social imposta pela civilização, até o homem mais educado e civilizado torna-se um verdadeiro selvagem, capaz das maiores atrocidades. Segundo a ideia de Conrad, o indivíduo que, então, aparentamos ser – com a ajuda desta máscara, da persona – ou quem representamos ser, no contexto social, é uma faceta construída que sobrepõe o nossa verdadeira essência – das trevas.

Antes de morrer, Kurtz entrega a Marlow uns documentos, entre os quais uns panfletos nos quais escreveu “*Exterminate all the brutes!*”. Tendo estas noções em conta, é então discutível quem serão os selvagens a que Kurtz se refere – e se não estaria a mencionar a possível eliminação dos colonos no território africano. Esboçando uma ideia mais abrangente de Kurtz, Marlow refere o seguinte:

“He had taken a high seat amongst the devils of the land – I mean literally. You can't understand. How could you? – with solid pavement under your feet, surrounded by kind neighbors ready to cheer you or to fall on you, stepping delicately between the butcher and the policeman, in the holy terror of scandal and gallows and lunatic asylums – how can you imagine what particular region of the first ages a man's untrammelled feet may take him into by the way of solitude – utter solitude without a policeman – by the way of silence, utter silence, where no warning voice of a kind neighbor can be heard whispering of public opinion? These little things make all the great difference. When they are gone you must fall back upon your own innate strength, upon your own



capacity for faithfulness. Of course you may be too much of a fool to go wrong – too dull even to know you are being assaulted by the powers of darkness. I take it, no fool ever made a bargain for his soul with the devil: the fool is too much of a fool, or the devil too much of a devil – I don't know which. Or you may be such a thunderingly exalted creature as to be altogether deaf and blind to anything but heavenly sights and sounds. Then the earth for you is only a standing place – and whether to be like this is your loss or your gain I won't pretend to say. But most of us are neither one nor the other. The earth for us is a place to live in, where we must put up with sights, with sounds, with smells too. (...) And there, don't you see? Your strength comes in, the faith in your ability for the digging of unostentatious holes to bury the stuff in – your power of devotion, not to yourself, but to an obscure, back-breaking business. And that's difficult enough. Mind, I am not trying to excuse or even explain – I am trying to account to myself for Mr. Kurtz – for the shade of Mr. Kurtz. (...)The original Kurtz had been educated partly in England, and – as he was good enough to say himself – his sympathies were in the right place. (...)All Europe contributed to the making of Kurtz (...)But this must have been before his – let us say – nerves, went wrong” – Joseph Conrad, “Heart of Darkness & Other Stories” (Wordsworth Classics, 1995), p. 77



A representação feminina e o discurso

“O Coração das Trevas” apresentava os leitores, essencialmente, com três personagens femininas. Estas são a tia de Marlow, a noiva de Kurtz e a nativa, amante deste. No entanto, apenas as primeiras duas ajudam na compreensão das estruturas de pensamento da época e da construção social da mulher europeia no século XIX.

A tia de Marlow é descrita como uma senhora – uma *lady* europeia. Marlow afirma que, com alguma vergonha, teve de recorrer à sua tia, a uma mulher, para encontrar trabalho. Quando tomam chá, antes da partida de Marlow, a tia fala sobre a necessária educação dos selvagens africanos. Marlow justifica esta atitude pelo hábito da tia de confiar e seguir tudo aquilo que lê e ouve. Isto indica o que terá sido referido nos meios de comunicação e na “*word of mouth*”, entre as pessoas – sem dúvida, um sinal do discurso presente na época. No entanto, quando a sua tia se refere a este assunto, Marlow comenta que as mulheres não se encontram em contacto com a realidade e que vivem num mundo próprio, demasiado belo para ser afectado pelos homens. Este pensamento é, sem dúvida, revelador da importância da presença feminina – que se deveria dedicar a futilidades e não a assuntos sérios, que serão só para os homens. Esta questão tem relevância a propósito da conversa com a noiva de Kurtz. Marlow mente-lhe; e, no entanto, antes terá afirmado o seguinte:

“You know I hate, detest, and can't bear a lie, not because I am straighter than the rest of us, but simply because it appalls me. There is a taint of death, a flavor of mortality in lies, – which is exactly what I hate and detest in the world – what I want to forget. It makes me miserable and sick, like biting something rotten would do.” – Joseph Conrad, “Heart of Darkness & Other Stories” (Wordsworth Classics, 1995), p. 54

Por que razão haveria Marlow de mentir à noiva de Kurtz se, de facto, abominava de tal forma o acto de mentir? É possível presumir que, de certa forma, Marlow estava a adaptar a verdade ao plano de compreensão da jovem – uma possível tradução intercultural. Marlow sabia que ela poderia não entender e aceitar a transformação de Kurtz, portanto optou por mentir-lhe de forma a não a perturbar.

Em relação à noiva de Kurtz, pode-se observar que é uma senhora inglesa (uma *lady*), de quem é esperado que demonstre respeito, dignidade e honra. Apesar de ter passado mais de um ano da morte do seu noivo, esta ainda não avançou com a sua vida – encontrando-se ainda de luto quando Marlow a visita. É claro que se deve ter em consideração as suas verdadeiras intenções com o noivo, mas também é necessário ter em conta que, na sociedade em que se inseria, contava-se com uma postura apropriada e nobre da parte das mulheres.



Conclusão

“O Coração das Trevas” é, sem dúvida, uma obra multifacetada. Por detrás de cada complexa camada deste pequeno mas valioso livro encontram-se novas ideias e possibilidades.

A obra é frequentemente criticada com base de transmitir ideologias de base colonialista e racista, mas, de facto, desvenda muito mais do que isso. “O Coração das Trevas” é uma obra rica em significados, o mais notável dos quais sendo o seu cariz crítico. Joseph Conrad não escreve de forma a que as suas intenções sejam óbvias, mas analisando o seu contexto, a vida do autor e certas passagens, é possível observar que a obra expõe a natureza imperialista da Europa do século XIX como algo arruinador e desumano.

Utilizando sempre como alegoria as “trevas” (estabelecendo a dicotomia entre as trevas “físicas”, o selvagem natural, e as trevas figurativas, relativas ao espírito do homem), Conrad apresenta a ideia de que, talvez, o ser humano supostamente civilizado é o verdadeiro selvagem – com os seus actos cruéis de opressão e dominação. Para Conrad, a civilização não apresenta qualquer essência de superioridade.

Durante a elaboração deste trabalho não pude deixar de me recordar da citação do filósofo alemão Nietzsche, que se segue:

“Beware that, when fighting monsters, you yourself do not become a monster... For when you gaze long into the abyss, the abyss gazes also into you.” – **Friedrich Nietzsche**



Bibliografia

- ❖ Joseph Conrad, *Heart of Darkness and The Congo Diary*(Penguin Books, 2000)
- ❖ Joseph Conrad, *Heart of Darkness & Other Stories* (Wordsworth Classics, 1995)
- ❖ Robert Kimbrough, *Heart of Darkness – An Authoritative Text, Backgrounds and Sources, Criticism* (W. W. Norton & Company, 1988)
- ❖ HenaMaes-Jelinek, *York Notes on Joseph Conrad's Heart of Darkness* (Longman Literature Guides, 1991)
- ❖ Joseph Conrad, *A Personal Record* (The Floating Press, 2009)
- ❖ ZdzislawNajder, *Joseph Conrad: A Life* (Camden House, 2007)
- ❖ JohnStape, *Joseph Conrad and Berdichev*(The Berdichev Revival – www.berdichev.org)
- ❖ Anthony Domestico, *Joseph Conrad Biography* (Yale Research – Modern British Novel)
- ❖ Rob Breton, *Gospels and Grit: Work and Labour in Carlyle, Conrad and Orwell* (University of Toronto Press Incorporated, 2005)
- ❖ Matthew Arnold, *Culture and Anarchy* (Oxford University Press, 2006)
- ❖ Arthur Conan Doyle, *The Crime of the Congo* (Hutchinson & Co., 1909)
- ❖ Peter Forbath, *The River Congo: The Discovery, Exploration and Exploitation of the World's Most Dramatic River* (Harper & Row, New York, 1977)
- ❖ Gordon Kerr, *A Short History of Africa: From the Origins of the Human Race to the Arab Spring* (Oldcastle Books, 2012)